



OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

THE IMPACTS OF VIOLENCE ON CHILD DEVELOPMENT

LOS IMPACTOS DE LA VIOLENCIA EN EL DESARROLLO INFANTIL

Luiz Roberto Marquezi Ferro¹, Aislan José de Oliveira², Gabriele Bueno Casanova³

e442952

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i4.2952>

PUBLICADO: 04/2023

RESUMO

Estudos que abordam maus-tratos na infância e adolescência se tornaram relevantes durante os últimos anos, dada as evidências das repercussões danosas na esfera psicológica de suas vítimas. O presente artigo tem por finalidade investigar os impactos da violência no desenvolvimento da inteligência de crianças e adolescentes expostos a situações de violência. A pesquisa consiste em uma revisão sistemática da literatura de abordagem qualitativa descritiva e exploratória, realizando um percurso investigando na literatura variáveis, como aspectos sociodemográficos de crianças e adultos com e sem violência, seguido por traços da personalidade, de crianças e adultos com e sem violência, assim como, a percepção das emoções faciais, das crianças com e sem violência, e por fim, o desenvolvimento cognitivo de crianças com e sem violência. Para o levantamento de artigos na literatura, foram consultadas as seguintes bases de dados, Scielo, PePsic e Portal Regional da BVS. Os resultados encontrados afirmam que crianças que tem oportunidade de crescerem com educação de qualidade, junto de famílias emocionalmente equilibradas, tendem a ter menor incidência para comportamentos violentos, prejuízos cognitivos, e de transtornos de personalidade. Conclui-se que a exposição a violência em crianças e adolescentes apresenta desregulação emocional na infância e estende-se até a idade adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Doméstica. Personalidade. Emoções Faciais. Inteligência. Violência.

ABSTRACT

Studies that address abuse in childhood and adolescence have become relevant in recent years, given the evidence of harmful repercussions in the psychological sphere of its victims. This article aims to investigate the impacts of violence on the development of intelligence in children and adolescents exposed to situations of violence. The research consists of a systematic review of the literature with a descriptive and exploratory qualitative approach, conducting a journey investigating variables in the literature such as sociodemographic aspects of children and adults with and without violence, followed by personality traits of children and adults with and without violence, as well as such as, the perception of facial emotions of children with and without violence, and finally, the cognitive development of children with and without violence. For the survey of articles in the literature, the following databases were consulted: Scielo, PePsic and Portal Regional from the BVS. The results found state that children who have the opportunity to grow up with quality education, with emotionally balanced families, tend to have a lower incidence of violent behavior, cognitive impairment and

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Pós graduação (especialização) em filosofia e ensino de filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais; em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, pela Universidade Estácio; em Neuropsicologia, pelo Instituto de Graduação e Pós Graduação - IPOG e em Psicologia Hospitalar, pela Universidade de Araraquara - UNIARA. Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista - UNIP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais. Professor no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto e da Universidade São Judas Tadeu (SP). Docente na Universidade Paulista - UNIP (Campus Araraquara) e da Universidade Anhembimorumbi (SP). Membro fundador da Liga de Fenomenologia e Humanismo na Universidade São Judas Tadeu.

² Unibagozzi.

³ Centro Universitário Campus de Andrade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

personality disorders. It is concluded that exposure to violence in children and adolescents presents emotional dysregulation in childhood and extends into adulthood.

KEYWORDS: *Domestic Violence. Personality. Facial Emotions. Intelligence. Violence.*

RESUMEN

Los estudios que abordan el maltrato infantil y adolescente han cobrado relevancia en los últimos años, dada la evidencia de las repercusiones perjudiciales en la esfera psicológica de sus víctimas. Este artículo tiene como objetivo investigar los impactos de la violencia en el desarrollo de la inteligencia de niños, niñas y adolescentes expuestos a situaciones de violencia. La investigación consiste en una revisión sistemática de la literatura con un enfoque cualitativo descriptivo y exploratorio, realizando un curso investigando en la literatura variables, como aspectos sociodemográficos de niños y adultos con y sin violencia, seguidos de rasgos de personalidad, niños y adultos con y sin violencia, así como la percepción de emociones faciales, niños con y sin violencia, y finalmente, el desarrollo cognitivo de los niños con y sin violencia. Para el levantamiento de artículos en la literatura, se consultaron las siguientes bases de datos, Scielo, PePsic y Portal Regional BVS. Los resultados encontrados indican que los niños que tienen la oportunidad de crecer con una educación de calidad, junto con familias emocionalmente equilibradas, tienden a tener una menor incidencia de comportamientos violentos, deficiencias cognitivas y trastornos de la personalidad. Se concluye que la exposición a la violencia en niños y adolescentes presenta desregulación emocional en la infancia y se extiende hasta la edad adulta.

PALABRAS CLAVE: *Violencia doméstica. Personalidad. Emociones faciales. Inteligencia. Violencia.*

1. INTRODUÇÃO

A violência, muito provavelmente, fez parte da história da experiência humana. As consequências da violência podem ser observadas em várias partes do mundo, em diferentes situações e contextos. Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas a cada ano e muitas outras sofrem lesões fatais decorrentes da violência autoinfligida, interpessoal ou coletiva, tornando a violência uma das principais causas de morte de pessoas na faixa etária de 15 a 44 anos em todo o mundo (KRUG; DAHLBERG; MERCY; ZWI; LOZANO, 2002).

Algumas causas da violência podem ser facilmente percebidas, bem como as consequências por ela causadas. Outras, porém, estão enraizadas no arcabouço cultural e econômico da vida humana. Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, “ao mesmo tempo em que fatores biológicos e outros fatores individuais explicam algumas das predisposições à agressão, é mais frequente que esses fatores interajam com fatores familiares, comunitários, culturais e outros fatores externos para, assim, criar uma situação propícia à violência” (KRUG *et al.*, 2002, p. 3).

Muitas das vítimas são demasiadamente jovens, fracas ou mesmo doentes, para conseguirem proteção ou se protegerem. Outras são forçadas a manter suas experiências sob o árduo silêncio por meio de coação, pressões culturais ou convenções sociais (SANTOS; GONÇALVES; VASCONCELOS; VIANA, 2014).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

A violência doméstica é justamente uma demonstração de que pessoas vítimas estão englobadas nos chamados grupos vulneráveis (mulheres, jovens, adolescentes, crianças e idosos). As consequências da violência doméstica podem ser muito sérias, pois crianças e adolescentes aprendem com cada situação que vivenciam, seus aspectos psicológicos são condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança e adolescente tem contato é a família (VYGOTSKY, 1978). O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento físico, mental e psicológico de seus membros, um lugar 'sagrado', porém em muitos casos é também espaço de conflitos (ROSAS; CIONEK, 2006).

O problema abordado nesta pesquisa é como trazer a reflexão sobre o tema da violência para dentro das famílias e fazê-las compreender que esse fenômeno tem impactos na saúde física e mental de suas vítimas.

Desta forma, essa pesquisa tem como justificativa social alcançar às raízes do problema da violência doméstica, sendo necessário quebrar o paradigma de que a família é uma instituição intocável, para que os atos violentos ocorridos no contexto familiar não permaneçam no silêncio, mas sejam denunciados às autoridades competentes, a fim de que se possam tomar providências. O objetivo desta pesquisa é investigar os impactos da violência no desenvolvimento da inteligência de crianças e adolescentes expostos a situações de violência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Conceito da Violência

No plano internacional e nacional, a violência é reconhecida como uma questão social e de saúde pública (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; COUTO, 2006; DAHLBERG; KRUG, 2006). Ela é considerada mundialmente violação de direitos. Ela se dá nos mais diversos espaços, tanto públicos quanto privados, nas relações institucionais, grupais ou interpessoais. Ainda não há elementos suficientes para lidar com um domínio tão amplo, gerado por interconexões ainda não muito conhecidas (SCHRAIBER et al., 2006).

Impasses em lidar com a liberdade e os direitos sociais do ser humano e suas conexões com as responsabilidades éticas e civis, a desconexão da esfera relacional, situando o ser humano cada vez mais na esfera individual, a volatilidade de valores dentro da sociedade, a coisificação do indivíduo, entre outros, favorecem e promovem o incentivo a violência cada vez mais em nossa sociedade (BAUMAN, 2013).

O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde traz a seguinte definição para este conceito (violência) tão amplo:

uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aíslan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

Esta definição abarca uma gama de significados e situações tais como, injúria psicológica, privação e desenvolvimento precário. Ela reflete um crescente reconhecimento entre pesquisadores da necessidade de incluir a violência que não produza necessariamente sofrimento ou morte, mas que, apesar disso, impõe um peso substancial em indivíduos, famílias, comunidades e sistemas de saúde em todo o mundo.

A inclusão da palavra “poder” e da expressão “uso da força física”, amplia a natureza de um ato violento e expande o entendimento convencional de violência, dessa forma também, passa-se a incluir atos que resultam do poder, como ameaças, intimidações, negligências ou atos de omissão. Assim, o uso do poder ou da força física deve ser entendido de forma a incluir a negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico e outros atos de auto-abuso (KRUG *et al.*, 2002).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) criou uma tipologia para que se pudesse caracterizar os diferentes tipos de violência e os elos que as interligam. A tipologia aqui proposta divide a violência em três amplas categorias, segundo as características daqueles que cometem o ato violento: a) violência autodirigida; b) violência interpessoal; c) violência coletiva. A categorização inicial estabelece uma diferença entre a violência que uma pessoa inflige a si mesma, a violência infligida por outro indivíduo ou por um pequeno grupo de indivíduos e a violência infligida por grupos maiores, como estados, grupos políticos organizados, grupos de milícia e organizações terroristas (KRUG *et al.*, 2002).

Estas três categorias amplas são ainda subdivididas, a fim de melhor refletir tipos mais específicos de violência.

- Violência auto-infligida é subdividida em comportamento suicida e agressão auto-infligida.
- Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: 1) violência de família e de parceiros íntimos – isto é, violência principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares; 2) violência na comunidade – violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem.
- Violência coletiva acha-se subdividida em violência social, política e econômica. Diferentemente das outras duas grandes categorias, as subcategorias da violência coletiva sugerem possíveis motivos para a violência cometida por grandes grupos ou por países. A violência coletiva cometida com o fim de realizar um plano específico de ação social inclui, por exemplo, crimes carregados de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas e violência de hordas. A violência política inclui a guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos semelhantes praticados por grandes grupos. A violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica. É certo que os atos praticados por grandes grupos podem ter motivação múltipla (GÓMEZ; BOBADILLA, 2015); Krug *et al.*, (2002).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

Além da tipologia da violência, podemos classificar a natureza da violência, que pode ser de quatro tipos: física, sexual, psicológica e que envolve privação ou negligência (AZEVEDO; AZEVEDO GUERRA, 2010; AZEVEDO; GUERRA, 2001; DAHLBERG; KRUG, 2006; KRUG *et al.*, 2002).

Em um ambiente familiar hostil pode-se encontrar estes tipos de violência, e sem sombra de dúvidas, elas podem afetar seriamente não só a aprendizagem de uma criança ou adolescente, mas também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros, pois o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados, assim um problema emocional decorrente de uma situação familiar hostil reflete diretamente na aprendizagem (AZEVEDO; GUERRA, 1998). Podemos assim destacar:

- Violência Física - corresponde ao emprego de força física no processo disciplinador de uma criança, é toda a ação que causa dor física, desde um simples tapa até o espancamento fatal. Geralmente os principais agressores são os próprios pais ou responsáveis que utilizam essa estratégia como forma de domínio sobre os filhos.

- Violência Sexual – é todo o ato ou jogo sexual entre um ou mais adulto e uma criança ou adolescente, tendo como finalidade estimular sexualmente esta criança/adolescente ou utilizá-lo para obter satisfação sexual. É importante considerar que no caso de violência, a criança e adolescente são sempre vítimas e jamais culpados e que esta é uma das violências mais graves pela forma como afeta o físico e o emocional da vítima.

- Violência Psicológica - é toda interferência negativa do adulto sobre as crianças formando nas mesmas um comportamento destrutivo. Existem mães que, sob o pretexto da disciplina ou da boa educação, sentem prazer em submeter os filhos a vexames. Sua tarefa mais urgente é interromper a alegria de uma criança através de gritos, queixas, comparações, palavrões, chantagem, entre outros, o que pode prejudicar a autoconfiança e autoestima.

- Negligência pode ser considerada também como descuido, ausência de auxílio financeiro, colocando a criança e o adolescente em situação precária: desnutrição, baixo peso, doenças, falta de higiene.

Ao longo dessa pesquisa nos deteremos à violência interpessoal, principalmente no tocante dentro das famílias, e à violência física, sexual e psicológica.

Macedo *et al.* (2001) sintetizaram os principais determinantes para a violência dentro das famílias:

(...) crescimento das desigualdades socioeconômicas; baixos salários e renda familiar que levam à perda do poder aquisitivo; ausência de políticas públicas integradas e condizentes com as necessidades da população em relação à saúde, educação, moradia e segurança; prioridade no desenvolvimento econômico em detrimento do social, com sacrifício para a população e maior ônus para os pobres; e intenso apelo pelo consumo, conflitando com o empobrecimento do país (MACEDO; PAIM; SILVA; COSTA, 2001, p. 517).

Muitas formas de violência contra mulheres, crianças e idosos, por exemplo, podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais que não representam necessariamente ferimentos,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

incapacidade ou morte. Tais consequências podem ser imediatas ou latentes e durar por anos após o ato abusivo inicial. Assim, definir as consequências somente em termos de ferimento ou morte limita a compreensão total da violência em indivíduos, nas comunidades e na sociedade em geral.

Essa perspectiva trazida pelo Relatório Mundial sobre Violência e Saúde é apresentada como possibilidade de se romper com a “invisibilidade da violência” e a sua aceitação de se tratar de um fato corriqueiro, mais do que isso, precisa-se pensar sempre em formas de se prevenir a violência (KRUG *et al.*, 2002). Diante disso, coloca-se a violência também como fator a ser observado pelo campo da saúde, respondendo de antemão a questão de que ela seja somente questão essencialmente ligada ao campo da “lei e da ordem”, restando aos profissionais da saúde lidarem apenas com as consequências, ou seja, estes profissionais são também chamados à responsabilidade de se preocuparem e intervirem, posicionando-se no combate e prevenção à violência, como profissionais da saúde, em conjugação com outros setores das sociedades. Dessa forma o Relatório corrobora com o pensamento de Minayo que propunha como enfrentamento das questões ligadas a violência a interdisciplinaridade dos conhecimentos, a intersetorialidade e ações de equipes multiprofissionais nas intervenções, como temas urgentes para as ciências, as políticas e os programas assistenciais (MINAYO, 1994).

A partir dessas prerrogativas, já conseguimos entender, a necessidade de a violência ser tratada no âmbito da saúde pública, pois a saúde pública não trata de pacientes individuais, ela se concentra em enfermidades, condições e problemas que afetam a saúde e tem por objetivo fornecer o maior benefício para o maior número de pessoas. Isto não quer dizer que a saúde pública não se interesse pelos cuidados de indivíduos, sua preocupação é prevenir problemas de saúde e levar segurança e cuidados às populações na sua totalidade (MERCY; ROSENBERG; POWELL, BROOME; ROPER, 1993). A abordagem interdisciplinar da saúde pública permitiu que ela fosse inovadora e sensível a uma gama de enfermidades, doenças e males em todo o mundo.

A abordagem da saúde pública à violência está baseada nos requisitos rigorosos do método científico. Ao deslocar-se do problema para a solução ela apresenta quatro etapas importantes: a) examinar o maior número possível de conhecimentos básicos sobre todos os aspectos da violência e unir sistematicamente dados sobre a extensão, o objetivo, as características e as consequências da violência a nível local, nacional e internacional; b) investigar por que a violência ocorre, isto é, realizar pesquisas para determinar causas e fatores correlatos da violência; os fatores que aumentam ou diminuem o risco de violência; os fatores passíveis de serem modificados por intermédio de intervenções; c) explorar formas de prevenção da violência, planejando, executando, monitorando e avaliando as intervenções e d) levando a cabo, em cenários diversos, as intervenções que parecem promissoras, disseminando amplamente a informação, bem como determinando o custo e a eficácia dos programas (DAHLBERG; KRUG, 2006).

Como vimos, a saúde pública caracteriza-se sobretudo pela prevenção, portanto, mais do que simplesmente aceitar ou reagir à violência, seu ponto de partida reside na convicção de que o comportamento violento e suas consequências podem ser prevenidos e evitados.



Consequências da Violência na personalidade e nas emoções

Os transtornos da personalidade são caracterizados por um padrão rígido em pelo menos duas das seguintes áreas: (a) afeto; (b) cognição; (c) padrão de relacionamentos interpessoais; e (d) controle de impulsos. Estas características implicam em sofrimento e prejuízos clinicamente significativos ao indivíduo (DSM-5, 2014)

O efeito do abuso infantil pode manifestar-se de várias formas, em qualquer idade. Internamente, pode aparecer como depressão, ansiedade, pensamentos suicidas ou estresse pós-traumático, pode também se expressar externamente como agressão, impulsividade, delinquência, hiperatividade ou abuso de substâncias. Uma condição psiquiátrica fortemente associada a maus tratos na infância é o distúrbio de personalidade limítrofe (ALGERI, 2005).

Experiências na família, onde seus pares demonstram transtornos de personalidade, são apontados como fatores de risco para comportamentos de violência, seja entre casal ou com filhos. Testemunhar ou sofrer violência no ambiente familiar está associado a vivenciar violência conjugal na idade adulta, tanto como vítima quanto agressor (MADALENA; CARVALHO; FALCKE, 2018).

Algumas características de personalidade Borderline e Antissocial aparecem com maior frequência na literatura relacionando com comportamentos violentos (LIU *et al.*, 2012; MANETA, COHEN; SCHULZ; WALDINGER, 2013), todavia, características do transtorno de personalidade esquizoide, esquizotípica, paranoide e obsessivo-compulsivo também foram associados a aspectos de violência familiar, seja conjugal ou contra a criança e o adolescente (COHEN *et al.*, 2014).

As características patológicas da personalidade, em sua maioria, identificadas como preditoras da perpetração de violência, tanto conjugal quanto contra a criança e adolescente, são instabilidade de humor, agressividade e impulsividade. As características de personalidade instabilidade de humor refere-se a indivíduos com tendência ao humor triste ou irritável, oscilações no humor e nas crenças, com reações impulsivas e extremas. O fator agressividade refere-se a indivíduos que desconsideram o outro para conseguirem o que desejam, muitas vezes inconsequentes e geralmente violentos. Em relação à impulsividade, refere-se a indivíduos com reações impulsivas, gosto por atitudes violentas, capacidade de inventar desculpas e envolvimento com problemas (MADALENA *et al.*, 2018).

Estudos apontam que a característica de personalidade que aparecem mais comumente a perpetração da violência pelas mulheres é instabilidade de humor, está mais relacionada à personalidade Borderline; e o que mais comumente aparece como preditora para os homens, agressividade, está mais relacionada à personalidade Antissocial (MADALENA *et al.*, 2018; NARDI; BENETTI, 2012; STENZEL, 2019).

Vivências de aspectos adversos na infância (como situações de violência), experimentadas no ambiente familiar, são consideradas algumas das variáveis etiológicas no desenvolvimento de transtorno da personalidade, como por exemplo o transtorno de personalidade Borderline, bem como também a instabilidade de humor. LIU *et al.* (2012), em seu estudo, identificaram as características



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

do Transtorno de Personalidade Borderline mediando parcialmente a relação entre experiências de abuso na infância e comportamentos violentos na vida adulta.

As emoções contribuem de maneira decisiva para o processo da interação dos indivíduos, fornecendo também comportamentos essenciais para nossa sobrevivência, homeostase e experiência autobiográfica. As emoções são condições complexas que aparecem como reações a certas experiências de caráter afetivo, produzem alterações comportamentais em várias áreas do funcionamento psicológico e fisiológico (sistemas perceptual e atencional, comportamento motor, comportamento voluntário, comportamento expressivo, tom da voz, memória, tônus muscular, atividade endócrina, sistema nervoso autônomo) para adaptação às mudanças que ocorrem no ambiente (MEDEIROS, 2015).

A expressão facial é uma forma de comunicação não verbal que permite a partilha de sentimentos e emoções humanas. Pessoas capazes de compreender suas emoções, bem como as dos outros ao seu redor, tem melhor qualidade de vida e melhores interações sociais (SALDANHA; MAIA, 2014). O reconhecimento de expressões faciais se aprimora desde a infância até a vida adulta (BRAGA; CORTES; JANTARA; DE JESUS FERREIRA; DE QUADROS NECKES, 2020).

O conceito de competência emocional abrange não só a capacidade de reconhecer as emoções do outro, mas também a capacidade de reconhecer, organizar e gerenciar as próprias emoções a fim de aprimorar a convivência nos âmbitos familiar escolar e social (HARRIS; DE ROSNAY; PONS, 2005). A competência emocional é então resumida em três fases desenvolvidas gradativamente entre os 3 e 12 anos de idade:

Fase externa (3 a 6 anos): está envolvido na identificação de expressões emocionais, na compreensão de que fatores e situações externas podem causar emoções, de que as lembranças de situações já vividas podem desencadear uma reação emocional.

Fase mental (5 a 9 anos): envolve a aprendizagem de emoções que são decorrentes de crenças e desejos individuais, nesta fase também as crianças já passam a diferenciar emoções reais e fingidas.

Fase reflexiva (9 a 12 anos): a compreensão das emoções mistas, das emoções morais e o controle mental das emoções passam a ser construídas.

Aspectos como situações de violência, sintomatologia depressiva, nível cognitivo inferior vivenciados pela criança, podem influenciar no desenvolvimento da competência emocional da criança (BRAGA *et al.*, 2020).

Diante da importância da competência emocional nas relações sociais da criança e que o reconhecimento de expressões faciais é base para o desenvolvimento de outros componentes, percebe-se que dificuldades em reconhecer expressões faciais no outro, possivelmente gera um comprometimento nas demais etapas da regulação emocional e comportamento. A maneira como as crianças reconhecem as expressões faciais do outro exerce um impacto direto sobre várias áreas do funcionamento socioemocional, incluindo relações de afeto com os pais, a sua própria capacidade de regulação emocional e as relações com os seus colegas. Além disso alterações no reconhecimento



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

de expressões faciais são encontrados em crianças com fobia social, transtorno desafiador opositivo, transtornos de conduta e vítimas de maus tratos (De ARAUJO; RAMOS; ZALESKI; ROZIN; DA CONCEIÇÃO SANCHES, 2019; MALVASI, 2011; MEDEIROS, 2015)

Pesquisas sobre avaliação de expressões faciais, apontam que adolescentes, crianças e adultos, com comportamentos agressivos ou vítimas de agressão, aponta um comprometimento no reconhecimento de expressões faciais principalmente quando mostradas em uma intensidade baixa assim como uma facilidade no não reconhecimento de expressões de raiva quando comparados a indivíduos sem histórico de comportamento agressivo (CASTELLANO *et al.*, 2015; ERNST *et al.*, 2010). No estudo de Bowen e Dixon (2010), crianças com comportamento antissociais foram menos precisas em decodificar expressões de alegria e tristeza em baixa intensidade e nomearam expressões de medo como sendo expressões de tristeza. Nesta mesma pesquisa, detectou-se também que, crianças que sofreram maus tratos mostram como um evento traumático podem interromper o desenvolvimento saudável de alguns processos, incluindo o reconhecimento de expressões faciais.

Considerando o escopo desta fundamentação, entende-se que há uma lacuna na literatura no que concerne estudos que associem fatores da personalidade e desempenho no reconhecimento de emoções em crianças e adolescentes com histórico de vivências de violência.

3. DISCUSSÃO

A violência é um fenômeno presente nos diversos âmbitos da vida caracterizando-se como um problema de ordem social, política e relacional da humanidade (SÁ; ANTUNES; BETIATI; MARQUES, 2017) para Adhia, Drolette, Stoep, Valencia e Kernic (2019) está bem estabelecido que a exposição à violência na infância é uma experiência prevalente do início da vida, que está associado a vários resultados adverso.

O presente estudo teve como objetivo principal avaliar os impactos da violência no desenvolvimento da inteligência de crianças e adolescentes expostos a situações de violência. Os resultados, de uma maneira geral, evidenciaram que crianças e adolescentes vítimas de violência expressam prejuízos no reconhecimento de emoções e elevação de neuroticismo por um lado. E por outro lado, com a inclusão dos pais e/ou responsáveis, foi possível verificar que o aspecto cíclico da violência se mostra sugestivo de repercussão na eficiência intelectual das gerações seguintes, configurando assim um diferencial deste estudo.

Percebe-se que por ocorrer no âmbito privado das relações familiares e por estar relacionada a concepções que ainda se mantém acerca da autoridade parental e da educação de crianças, a violência doméstica é pouco identificada como tal (RISTUM, 2014) e mesmo quando identificada, ela pode não ser denunciada por se julgar que os pais estão exercendo com fins pretensamente disciplinares ou com outros objetivos (ALMEIDA; SANTOS; ROSSI, 2006).

Diante disso, esta pesquisa realizou um percurso investigando na literatura variáveis como aspectos sociodemográficos composto por um grupo de crianças e adultos com e sem violência,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

seguido por traços da personalidade de crianças e adultos com e sem violência, assim como, a percepção das emoções faciais das crianças com e sem violência, e por fim, o desenvolvimento cognitivo de crianças com e sem violência.

Aspectos sociodemográficos do grupo de crianças e adultos com e sem violência

Não há hora ou lugar para que a violência aconteça, independente da classe social ou raça, nenhuma criança ou adolescente está isenta de sofrer qualquer tipo de abuso, o que pode resultar em marcas e sequelas para toda a vida do indivíduo (BORCHARTT, 2018). Para Malta, Antunes, Prado, Assunção e Freitas (2019) a vulnerabilidade social talvez esteja expondo os adolescentes a uma dinâmica em que o patrimônio cultural desvantajoso estaria na origem de estratégias negativas de enfrentamento da situação de pobreza.

Vasconcelos *et al.*, (2020) expõem em seu estudo, que nos casos de violência existe uma relação na qual as meninas praticam violência psicológica e verbal com maior frequência e os meninos tendem a cometer agressões físicas. Uma pesquisa de Malta, Antunes, Prado, Assunção e Freitas (2019) destacaram maiores ocorrências de violência contra meninas e adolescentes mais jovens, o que concorda com os dados apresentados no estudo, podendo ser justificado por situações de autoritarismo, dominação e opressão, replicando situações de opressão em populações mais vulneráveis.

Adhia *et al.* (2019) apresentaram evidências sugerindo que os efeitos da exposição à violência na infância pode diferir por gênero, e que certas diferenças podem ser mais ou menos aparentes dependendo da idade, esses autores ainda, exemplificaram informando que meninos exibem comportamentos mais externalizantes e as meninas exibem comportamentos mais internalizantes à medida que passam pela adolescência.

Os estudos de Silva & Vieira (2018) investigaram a relação entre personalidade de pais e mães e a parentalidade tendem a dar mais ênfase à personalidade da mãe, em virtude desta continuar sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças e das tarefas da casa. De acordo com Vasconcelos *et al.*, (2020) a violência intrafamiliar é expressa por meio de dinâmicas de poder/afeto, nas quais estão presentes relações de subordinação e dominação.

Segundo Elsen, Próspero e Sanches (2017) a escola surge como um espaço propício ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e práticas que promovam a educação e a saúde das crianças e adolescentes, ela também exerce papel fundamental na proteção contra violências e outros danos. Costa e Teixeira (2017) afirmam que a escola é um espaço de revelação dos reflexos dos conflitos vivenciados pelos alunos no cenário familiar.

Oliveira *et al.*, (2018) apresentam estudos apontando que a escolaridade familiar é um fator de proteção para o desenvolvimento saudável da criança, tanto global quanto específico, os autores ainda afirmam que o baixo nível socioeconômico é considerado uma ameaça constante ao bem-estar da criança e uma limitação de suas oportunidades de desenvolvimento, o que concorda com o resultado desta pesquisa que apresentou que em relação ao tempo de estudo destes pais, o grupo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

sem indícios para Violência Doméstica alcançou uma porcentagem maior para os níveis maiores de ensino.

Os resultados da pesquisa de Giordani, Seffner e Dell'aglio (2017) indicaram que a violência externa à escola, seja comunitária ou familiar, também é percebida como um dos fatores que interfere na rotina escolar, compreendendo-se a violência estabelecida nas relações sociais na escola, torna-se evidente a importância de ações da direção da escola e dos professores e funcionários no sentido de auxiliar os alunos envolvidos a reconhecerem e solucionarem as situações de conflito (DA SILVA *et al.*, 2017).

Giordani *et al.*, (2017) apresentaram que o problema talvez não esteja na ausência de consenso e consequente ocorrência de conflito entre os atores da escola, mas sim nas formas que esse conflito consegue se manifestar desde que não há escuta qualificada na escola. Assim, pode-se perceber que a intersetorialidade é uma potente estratégia para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, em especial nos setores saúde, educação, assistência social, esportes e cultura (VASCONCELOS *et al.*, 2020).

Outra variável importante, quando estudamos violência doméstica em crianças e adolescentes, é a relação familiar. Para Silva *et al.*, (2020) a violência impacta-se, pela experiência vivenciada na família de origem, a vida do indivíduo não apenas em suas relações afetivas, mas também em outros contextos, legitimando a violência como estratégia de resolução de conflitos nas mais diversas situações. English, Marshall e Stewart (2003) afirmam que a saúde e o comportamento das crianças em famílias turbulentas e maltratadas, pertencentes ao serviço de proteção à criança são principalmente afetados por seu relacionamento com seu principal cuidador.

Para Alves *et al.*, (2021) é consenso que a família, quando desestruturada de competências emocionais, está intimamente ligada aos problemas sentimentais e comportamentais das crianças e jovens, até mesmo na fase adulta. Costa e Teixeira (2017) enfatizam que os padrões aprendidos pelos filhos tendem a se repetir, uma vez que a violência passa a ser a principal forma de mediar as relações sociais e entre os membros dessas famílias.

Estudos De Silva, Marques, Peres e Azeredo (2019) comprovaram que a vivência de episódios de violência doméstica influencia a percepção em relação a comportamentos violentos, dessa forma, os envolvidos passam a utilizar a violência como estratégia para resolução de conflitos, tanto na adolescência, quanto em outras fases da vida. Para Gasparetto, Bandeira e Giacomoni (2017) esses indicativos são relevantes, já que estudos epidemiológicos indicam que cerca de uma em cada cinco crianças apresenta alguma questão psicológica ao longo da infância.

A compreensão de como ocorre a violência no âmbito intrafamiliar e como ela repercute na construção identitária do ser adolescente, na perspectiva de não só identificá-la precocemente, como também planejar estratégias de prevenção, já que a violência pode gerar agravos no ambiente familiar, em seu entorno e na própria saúde do adolescente (ALVES *et al.*, 2021). Esses resultados, podem demonstrar a importância de conhecer o perfil da violência contra crianças e adolescentes



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

para intervenção e desenvolvimento de políticas públicas promovendo saúde e qualidade de vida (DA SILVA *et al.*, 2017).

Traços da Personalidade de crianças e adultos com e sem violência

Os fatores de risco, aumentam a probabilidade de um jovem se tornar violento, e podem ter etiologia genética ou biológica, uma base ecológica ou uma origem biossocial combinada, podem ser traços e atributos individuais ou condições do meio (RIBEIRO; SANI, 2009). Oliveira *et al.*, (2018) definem como fatores de risco uma série de condições biológicas ou ambientais que aumentam a probabilidade de déficits no desenvolvimento cognitivo da criança.

Junior, Tardivo, Rosa, Chaves e Belizário (2019) afirmam que altas pontuações no fator Psicoticismo, indicam pessoas agressivas, frias, egocêntricas, impessoais, impulsivas, antissociais, não-empáticas, criativas e obstinadas. Já, indivíduos com escores baixos nesse fator apresentam características contrárias e são definidos pelo controle de impulsos.

Gasparetto *et al.* (2017) avaliaram traços de personalidade e emoções em crianças de oito a dez anos de idade e os resultados demonstraram a associação entre Psicoticismo e uma baixa pontuação em alegria e alta pontuação em tristeza, esta correlação veio ao encontro com este estudo. Estudos apresentados por Lucateli, Prieto, Miguel e Pessotto (2019) apresentaram uma relação à medida que quanto maior o psicoticismo, ou seja, quanto mais dura, fria e agressiva a criança for, menor será a qualidade de suas relações interpessoais.

Estudos de Waikamp e Serralta (2018) destacam a consistente relação encontrada entre traumas infantis e sintomas psicopatológicos supostamente mais graves como psicoticismo, o que é consistente com os achados da literatura de associação entre traumas precoces e transtornos da personalidade e psicoses.

Para Junior *et al.*, (2019), extroversão em altos escores descrevem a pessoa como sociável, animada, ativa, assertiva, despreocupada, dominante, cordial e aventureira. Baixos escores reúnem características opostas e definem o sujeito como introvertido. A criança não precisa sofrer a agressão para ser afetada por ela. Assim, a criança exposta à violência é aquela que viu, ouviu um incidente de agressão, viu o seu resultado ou vivenciou o seu efeito quando interagindo com seus pais (BRANCALHONE *et al.*, 2004).

Ibabe, Arnos e Elgorriaga (2020) afirmam que crianças que experimentaram o abuso dos pais ou a violência observada entre os pais tendem a ser mais violentas, a agressão infantil pode representar uma resposta funcional à tensão familiar ou um tentativa de lidar com a educação parental inadequada. Essa constatação pode estar relacionada com as consequências das vivências infantis de maus tratos, violência e negligência pelas figuras parentais (JUNIOR *et al.*, 2019).

Assim, as características de extroversão e abertura à experiência parecem estar relacionadas a pais que estimulam o comportamento social, que se envolvem em brincadeiras e jogos lúdicos e que demonstram sensibilidade e sentimentos aos filhos, como apresentam Silva e Vieira (2018) em pesquisa. Justino e Nascimento (2020) consideram em sua pesquisa que um ambiente familiar



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aíslan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

positivo favorece a proximidade com os pais e mães, o que têm relação com aspectos positivos do desenvolvimento, como níveis mais altos de autoestima para os adolescentes e de resiliência.

A pesquisa realizada por Junior *et al.* (2019) apontam que sujeitos com altos escores, em Neuroticismo são definidos como ansiosos, deprimidos, tensos, irracionais, tímidos, melancólicos, emotivos, com tendência a sentir culpa e baixa autoestima. Por outro lado, baixos escores nesse fator caracterizam o indivíduo como emocionalmente estável.

Alguns modelos explicativos indicam que o neuroticismo constitui um fator de vulnerabilidade geral que está associado a indicadores de violência doméstica, que por sua vez, determina certas psicopatologias (ANDRÉS; RICHAUD DE MINZI; CASTAÑEIRAS; CANET-JURIC; RODRÍGUEZ-CARVAJAL, 2016). Uma pesquisa de English *et al.* (2003) estabelecem uma ligação entre agressão familiar e sintomas infantis de psicopatologia, incluindo tanto verbal quanto física agressão.

Ribeiro, Gondim e Pereira (2018) indicam em suas pesquisas que indivíduos com altos ou baixos traços de neuroticismo que fazem menor uso da regulação ascendente experimentam mais afetos negativos. Ristum (2014) apresenta um estudo realizado com 110 crianças, algumas delas vítimas de maus-tratos, concluíram que a condição de vítima tem um efeito significativo na conduta dessas crianças.

A percepção das emoções faciais das crianças com e sem violência

A literatura na área de crianças expostas à violência conjugal aponta os riscos acarretados por esse fenômeno para o desenvolvimento comportamental, emocional, social, cognitivo e físico das crianças (BRANCALHONE *et al.*, 2004). Assed *et al.*, (2020) afirmam que durante o desenvolvimento infantil, os processos de reconhecimento emocional podem fornecer uma adaptação bem-sucedida de uma vasta gama de demandas ambientais.

Para Assed *et al.*, (2020) o reconhecimento das emoções é muito importante para o desenvolvimento das crianças e deve ser bem desenvolvido entre quatro e cinco anos, quando intervenções preventivas parecem gerar melhores resultados. Em sua pesquisa Gong *et al.*, (2019) sugerem que *déficits* no processamento da emoção facial precedem o início do episódio psicótico inicial e, portanto, podem ser um marcador de vulnerabilidade.

Adhia, Drolette, Stoep, Valencia e Kernica (2019) apresentaram em seus estudos que a exposição à violência na infância tem sido associada a consequências psicológicas, sociais, físicas e cognitivas (como, desregulação emocional, comportamentos de internalização e externalização, problemas de adaptação) desde a infância até a adolescência. Embora as melhorias nas habilidades metacognitivas e no reconhecimento de emoções facilitem o uso de métodos cognitivos estratégicas para regular emoções complexas, os revisores também indicam aumentos no desenvolvimento da vulnerabilidade (ANDRÉS *et al.*, 2016).

Gong *et al.* (2019) ainda afirmam em sua pesquisa que violência doméstica na infância é um fator de risco, mas como violência altera os sistemas neurocognitivos aumentando a vulnerabilidade a problemas de saúde mental não está claro. É importante notar que a violência doméstica nem



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

sempre se manifesta de forma física, o abuso emocional e psicológico, falta de violência física não significa que o agressor seja menos perigoso para a vítima, nem isso significa que a vítima está menos presa pelo agressor (KITHONGA; MBOGO, 2018).

Nesse contexto, é de suma importância retratar que o não aprender pode expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família, ou seja, pode ser um sintoma de que algo não está adequado na dinâmica familiar, demonstrando (COSTA; TEIXEIRA, 2017).

O desenvolvimento cognitivo de crianças com e sem violência

As funções executivas e a velocidade de processamento dependem do funcionamento do córtex pré-frontal, que continua a se desenvolver durante a infância e, portanto, pode ser mais sensível aos efeitos da vitimização infantil (DANESE *et al.*, 2017). Em uma pesquisa de Costa e Teixeira (2017), alunos que convivem em ambiente hostil e desequilibrado têm mais dificuldade de concentração e possuem dificuldades em respeitar as regras impostas pelas escolas, agindo, quase sempre, agressivamente com os colegas e professores.

Estudos anteriores de Daly, Hildenbrand, Turner, Berkowitz e Tarazi (2017) revelaram múltiplos *déficits* conforme medido por várias tarefas baseadas em desempenho em amostras da comunidade de crianças e adultos de meia-idade com histórico de maus-tratos quando comparados a não grupos de comparação maltratados. Malta, Antunes, Prado, Assunção e Freitas (2019) destacam em seu estudo que o papel da família e diversos indicadores retratam a existência de um panorama de riscos para a agressão física intrafamiliar.

Para Costa & Teixeira, (2017), a mudança no comportamento das crianças e adolescentes pode ter ligação com o contato contínuo com a violência, seja ela direta ou indireta, que têm o seu desenvolvimento cognitivo afetado, pois perdem o interesse pela aprendizagem, ficando, muitas vezes, agressivos ou apáticos. Embora esse fenômeno fisiológico seja fundamental para a sobrevivência, ele também está fortemente relacionado a vários distúrbios cerebrais, incluindo depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (GODOY; ROSSIGNOLI; DELFINO-PEREIRA; GARCIA-CAIRASCO; DE LIMA UMEOKA, 2018).

Danese *et al.* (2016) apresentam em sua pesquisa que indivíduos que relatam história de vitimização por violência na infância têm função cerebral prejudicada. Os autores ainda relatam que é biologicamente plausível que a exposição a estressores extremos, como a vitimização da violência, possa prejudicar a função cerebral. Para Nazar, Bortoli e Andrade (2020) quando o indivíduo apresenta um bom desempenho das habilidades sociais ele tem alta probabilidade de ter consequências reforçadoras imediatas no ambiente social.

Em intervenções voltadas para adolescentes, o comportamento deve ser entendido em seu contexto ecológico, tendo como objetivos mudar o padrão de interação familiar vinculado ao comportamento violento e aumentar a interação recíproca, clareza e precisão da comunicação (ARNOSO; IBABE; ELGORRIAGA; ASLA, 2021). Essas consequências são influenciadas pela cultura



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

com suas normas e valores, que definem os comportamentos valorizados ou reprovados para os diferentes tipos de situações.

Dessa forma, vale salientar a importância das habilidades sociais, enquanto repertório comportamental para o favorecimento de interações sociais satisfatórias (NAZAR *et al.*, 2020). Daly *et al.* (2017) apresentaram que estudos recentes das consequências neurocognitivas dos maus tratos na infância vão além das avaliações de inteligência e funcionamento acadêmicos, pesquisaram seu impacto em vários estágios de desenvolvimento ao longo da vida.

A realidade analisada permite inferir que o fenômeno da violência contra a criança e adolescentes é significativo em nossa sociedade (DA SILVA *et al.*, 2017).

4. CONSIDERAÇÕES

Este estudo apresentou como objetivo investigar os impactos da violência no desenvolvimento da inteligência de crianças e adolescentes expostos a situações de violência. Os resultados demonstraram que ao serem expostas à violência, crianças e adolescentes apresentam uma elevação no prejuízo do reconhecimento de emoções e elevação de neuroticismo.

Em relação à inclusão dos pais e/ou responsáveis, foi possível realizar uma associação entre o aspecto cíclico da violência afetiva e a eficiência da inteligência das gerações seguintes. A análise dos artigos é sugestiva que a violência parece repercutir em várias as áreas do indivíduo influenciando fatores externos e internos e podem perdurar da infância até a fase adulta.

O contato direto com a violência na infância e adolescência tende a se repetir, tendo em vista que a violência pode ser um padrão de comunicação nesse perfil de público. Estudos apontam que essa afirmação ainda necessita de mais investigações, uma vez que existem outras variáveis que necessitam ser observadas e avaliadas em conjunto.

Ainda, destaca-se então a necessidade de uma ampla pesquisa nessa área, uma vez que, os estudos comprovaram que a violência nem sempre se manifesta de forma física. Espera-se que este estudo possa contribuir para uma prática que envolva também ações preventivas e educativas.

Conclui-se que a exposição a violência em crianças e adolescentes apresenta desregulação emocional na infância e estende-se até a idade adulta.

REFERÊNCIAS

- ADHIA, Avanti *et al.* The impact of exposure to parental intimate partner violence on adolescent precocious transitions to adulthood. **Journal of adolescence**, v. 77, p. 179-187, 2019.
- ALGERI, Simone. A violência infantil na perspectiva do enfermeiro: uma questão de saúde e educação. **Revista gaúcha de enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 308-315, dez. 2005.
- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de; SANTOS, Maria Cristina Amélia Borges dos; ROSSI, Tânia Maria de Freitas. Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência intrafamiliar. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 277-286, 2006.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
 Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aíslan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

ANDRÉS, María Laura et al. Neuroticism and depression in children: The role of cognitive emotion regulation strategies. **The Journal of genetic psychology**, v. 177, n. 2, p. 55-71, 2016.

ARNOSO, Ainara et al. Evaluación de la eficacia a corto y medio plazo del programa de intervención precoz en situaciones de violencia filiofamiliar. **Anuario de psicología jurídica**, v. 31, n. 1, p. 109-117, 2021

ASSED, Mariana Medeiros et al. Facial emotion recognition in maltreated children: A systematic review. **Journal of Child and Family Studies**, v. 29, n. 5, p. 1493-1509, 2020

AZEVEDO, Maria Amélia; DE AZEVEDO GUERRA, Viviane Nogueira. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Editora Iglu, 2010.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Com licença vamos à luta**. São Paulo: Editora Iglu, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

BORCHARTT, Vitória Gonçalves. **Panorama atual da violência doméstica contra crianças e adolescentes na região Norte do Brasil**. 2018. TCC (Graduação) - Universidade do estado da Amazonas - UEA, Manaus, 2018.

BOWEN, Erica; DIXON, Louise. Concurrent and prospective associations between facial affect recognition accuracy and childhood antisocial behavior. **Aggressive behavior**, v. 36, n. 5, p. 305-314, 2010.

BRAGA, Gimene Cardozo et al. Reconhecimento emocional da criança de cinco anos em acolhimento institucional. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 10, p. e5699108949-e5699108949, 2020.

BRANCALHONE, Patrícia Georgia; FOGO, José Carlos; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, p. 113-117, 2004

CASTELLANO, Filippo et al. Facial emotion recognition in alcohol and substance use disorders: A meta-analysis. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 59, p. 147-154, 2015

COHEN, Lisa Janet et al. Are there differential relationships between different types of childhood maltreatment and different types of adult personality pathology?. **Psychiatry research**, v. 215, n. 1, p. 192-201, 2014

COSTA, Andréia Lana; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. O comportamento dos alunos na escola e sua relação com a violência doméstica na percepção dos educadores. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 28, n. 1, p. 22-42, 2017.

COSTA, V. L. C. Gestão educacional e descentralização. **Novos padrões**, v. 2, 1997.

DA SILVA, P. A. et al. Violence against children and adolescents: characteristics of notified cases in a southern Reference Center of Brazil. **Enferm Glob**, v. 16, n. 2, p. 406-44, 2017.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163-1178, 2006



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
 Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

DALTRO, Manuela Carla de Souza Lima. Estudo comparativo do crescimento e desenvolvimento motor de crianças com faixa etária entre 18 a 42 meses de escolas privadas versus públicas. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 5, p. S11-S19, 2018.

DALY, Brian P. *et al.* Executive functioning among college students with and without history of childhood maltreatment. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, v. 26, n. 7, p. 717-735, 2017.

DANESE, Andrea *et al.* The origins of cognitive deficits in victimized children: implications for neuroscientists and clinicians. **American journal of psychiatry**, v. 174, n. 4, p. 349-361, 2017.

DE ARAUJO, Gabriela *et al.* Determinantes da violência sexual infantil no estado do Paraná-Brasil. 2018

DE PSIQUIATRIA, Asociación Americana. **Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales-DSM 5**. Médica Panamericana, 2014.

ELSEN, Ingrid *et al.* Escola: um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 66, 2011.

ENGLISH, Diana J.; MARSHALL, David B.; STEWART, Angela J. Effects of family violence on child behavior and health during early childhood. **Journal of family violence**, v. 18, n. 1, p. 43-57, 2003.

ERNST, Monique *et al.* Decision-making and facial emotion recognition as predictors of substance-use initiation among adolescents. **Addictive Behaviors**, v. 35, n. 3, p. 286-289, 2010.

GASPARETTO, Letícia Garibaldi; BANDEIRA, Cláudia; GIACOMONI, Claudia Hofheinz. Bem-estar subjetivo e traços de personalidade em crianças: Uma relação possível?. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 2, p. 447-457, 2016.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 103-111, 2017.

GODOY, Lívea Dornela *et al.* A comprehensive overview on stress neurobiology: basic concepts and clinical implications. **Frontiers in behavioral neuroscience**, p. 127, 2018.

GÓMEZ, María Constanza Flórez; BOBADILLA, Alba Alicia González. Caracterización de la violencia intrafamiliar, maltrato infantil y abuso sexual en Bogotá DC durante el año 2011. **Teoría y praxis investigativa**, v. 8, n. 1, p. 74-91, 2015.

GONG, Jingbo *et al.* Childhood maltreatment impacts the early stage of facial emotion processing in young adults with negative schizotypy. **Neuropsychologia**, v. 134, p. 107215, 2019.

GUERRA, V. N. A. **Mania de bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001.

HARRIS, Paul L.; DE ROSNAY, Marc; PONS, Francisco. Language and children's understanding of mental states. **Current directions in psychological science**, v. 14, n. 2, p. 69-73, 2005.

HUTH-BOCKS, Alissa C.; LEVENDOSKY, Alytia A.; SEMEL, Michael A. The direct and indirect effects of domestic violence on young children's intellectual functioning. **Journal of family violence**, v. 16, n. 3, p. 269-290, 2001

IBABE, Izaskun; ARNOSO, Ainara; ELGORRIAGA, Edurne. Child-to-parent violence as an intervening variable in the relationship between inter-parental violence exposure and dating



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
 Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislan José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

violence. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 5, p. 1514, 2020

JOURILES, Ernest N. et al. Intimate partner violence and preschoolers' explicit memory functioning. **Journal of Family Psychology**, v. 22, n. 3, p. 420, 2008.

JUSTINO, Yara Alves Costa; NASCIMENTO, Célia Regina Rangel. Relação entre pai e filho adolescente em famílias que vivenciaram a violência conjugal. **Revista da SPAGESP**, v. 21, n. 1, p. 92-109, 2020.

KITHONGA, Francisah; MBOGO, Rosemary Wahu. The impact of domestic violence on the learning process of high school students. **Advances in Social Sciences Research Journal**, v. 5, n. 8, p. 544-554, 2018.

KRUG, Etienne G. et al. The world report on violence and health. **The lancet**, v. 360, n. 9339, p. 1083-1088, 2002.

LIU, Na et al. Relation between childhood maltreatment and severe intrafamilial male-perpetrated physical violence in Chinese community: The mediating role of borderline and antisocial personality disorder features. **Aggressive behavior**, v. 38, n. 1, p. 64-76, 2012.

LUCATELI, Camila et al. A propaganda e os traços de personalidade em crianças. **Pensando famílias**, v. 23, n. 1, p. 225-235, 2019.

MACEDO, Adriana C. et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 515-522, 2001.

MADALENA, Marcela; CARVALHO, Lucas de Francisco; FALCKE, Denise. Violência conjugal: o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 75-91, 2018.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1287-1298, 2019.

MALVASI, Paulo Artur. Entre a frieza, o cálculo e a "vida loka": violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. **Saúde e sociedade**, v. 20, p. 156-170, 2011.

MANETA, E. K. *et al.* Two to tango: A dyadic analysis of links between borderline personality traits and intimate partner violence. **Journal of personality disorders**, v. 27, n. 2, p. 233-243, 2013

MEDEIROS, Wandersonia Moreira Brito et al. Reconhecimento de expressões faciais e tomada de decisão em crianças que vivenciam situações de bullying. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Neurociência Cognitiva e Comportamento) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MERCY, James A. et al. Public health policy for preventing violence. **Health Affairs**, v. 12, n. 4, p. 7-29, 1993

ROBERTO, Tiago Moreno Lopes et al. Caracterização do perfil do indivíduo em caso de violência autoprovocada. 2019. 57 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2019.

NAZAR, Thaís Cristina Gutstein; DE BORTOLI, Jussara; ANDRADE, Caroline Stodulny. Avaliação de habilidades sociais, estilos parentais e estresse em adolescentes participantes de um programa de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

orientação profissional. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 1, p. 113-131, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete** - Vol. 1. São Paulo: Edusp, 1996

PINTO JUNIOR, Antonio Augusto et al. Traços de personalidade de adolescentes infratores e vitimizados por meio do Eysenck Personality Questionnaire Junior (EPQ-J). **Mudanças**, v. 27, n. 2, p. 09-14, 2019.

RIBEIRO, Maria da Conceição Osório; SANI, Ana Isabel. Risco, protecção e resiliência em situações de violência. **Revista da Faculdade de Ciências de Saúde**, Porto, v. 6, p. 400-407, 2009.

RIBEIRO, Wilma Raquel Barbosa; GONDIM, Sônia Maria Guedes; PEREIRA, Cícero Roberto. Personalidad y bienestar subjetivo de trabajadores: moderación de la regulación emocional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 239-259, 2018.

RISTUM, Marilena. As marcas da violência doméstica e a identificação por professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 1, n. 01, p. 13-26, 2014.

ROSAS, Fbiane Klazura; CIONEK, M. I. G. D. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. **Conhecimento Interativo**, v. 2, n. 1, p. 10-15, 2006.

SÁ, Jeferson de Souza et al. RETRATO DA VIOLÊNCIA INFANTIL EM UM MUNICÍPIO NO NOROESTE DO PARANÁ. *In: Anais X EPCC, UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá*, 2017.

SALDANHA, Sônia Marisa Martins; MAIA, Luis Alberto Coelho Rebelo. EMOÇÃO E COGNIÇÃO EM CRIANÇAS VITIMAS DE MAUS-TRATOS—UM ESTUDO NEUROPSICOLÓGICO. **Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias**, v. 4, n. 3, 2014.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos et al. Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos. [S. l.: s. n.], 2014.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia PL; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista de Saúde pública**, v. 40, n. spe, p. 112-120, 2006.

SILVA, Aline Natália et al. Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00195118, 2019.

SILVA, Maria Luiza Iusten da; VIEIRA, Mauro Luís. Las relaciones entre la parentalidad y la personalidad de los padres: una revisión integrativa de la literatura. **Estudios e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 361-383, 2018.

PAUNGARTNER, Luciana Medeiros et al. Análise epidemiológica das notificações de violência contra crianças e adolescentes no Brasil de 2009 a 2017. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 9, p. e4241-e4241, 2020.

STENZEL, Gabriela Quadros de Lima. Características de personalidade de agressores conjugais: um estudo qualitativo. **Pensando famílias**, v. 23, n. 1, p. 137-152, 2019.

VASCONCELOS, Maristela Inês Osawa et al. Violência contra adolescentes e as estratégias de enfrentamento. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 5, 2020.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Luiz Roberto Marquezi Ferro, Aislán José de Oliveira, Gabriele Bueno Casanova

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mind in society**: Development of higher psychological processes. Harvard: Harvard university press, 1978.

WAIKAMP, Vitória; BARCELLOS SERRALTA, Fernanda. Repercusiones del trauma en la infancia en la psicopatología de la vida adulta. **Ciencias Psicológicas**, v. 12, n. 1, p. 137-144, 2018.